



# INFORMATIVO

# O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

520 anos das Capitânicas Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Taborda e do Tratado do Taborda. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guaranítica. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

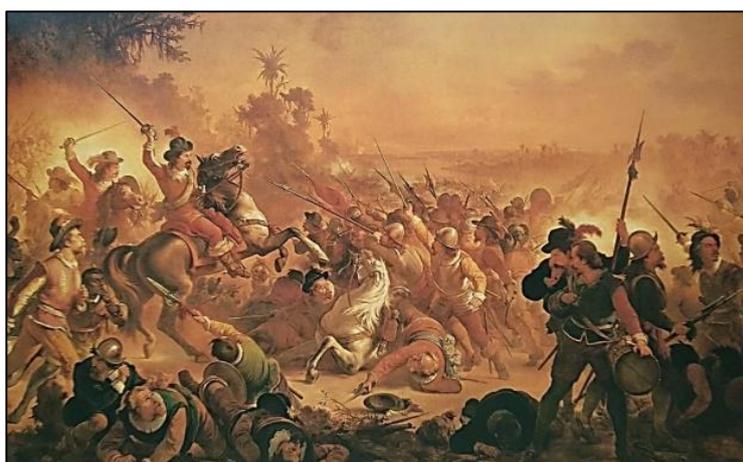
ANO 2024

Abril

Nº 452

## A Primeira Batalha dos Guararapes - 19 Abr 1648 - 376 anos

Luiz Ernani Caminha Giorgis



*“Combateremos até o fim e somente após expulsar o invasor iremos a Portugal receber o castigo por nossa desobediência” (Os patriotas de Pernambuco).*

No alvorecer do dia 18 Abr 1648, o exército holandês, ao comando do Tenente-General Sigismund Von Schkoppe, marchou na direção Barreta dos Afogados-Muribeca-Guararapes, com o efetivo de 6.000 homens (dividido em sete regimentos) e cinco canhões de bronze. Quanto aos efetivos inimigos, as fontes divergem entre 4.500 e 6.300 homens, entre holandeses e índios tapuias. Nas mochilas, suprimento para oito dias.

Essa tropa cruzou os Afogados e seguiu em direção à Barreta. O objetivo era atacar Muribeca, centro logístico do Arraial Novo do Bom Jesus, e bloquear o acesso ao porto do Cabo de Santo Agostinho, conforme descobriu o Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso. Na Barreta, a guarnição de cem homens do Capitão Bartolomeu Soares da Cunha foi dominada, mas cumpriu o objetivo de retardar o inimigo. Seguiu-se a degola de 40 luso-brasileiros. Soares da Cunha fugiu para o Arraial Novo do Bom Jesus onde prestou essas informações ao General Barreto de Menezes.

Em seguida, Von Schkoppe avançou em direção ao Cabo de Santo Agostinho, pernoitando na região da leiteria de Antônio Cavalcanti (neste local se encontram atualmente a Igreja e a Praça da praia de Boa Viagem).

Enquanto isso, o Exército luso-brasileiro marchou para o sul em direção ao Boqueirão dos Outeiros dos Montes Guararapes; decisão tomada em Conselho de Guerra após a pertinente sugestão de Antônio Dias Cardoso “na qualidade de soldado mais prático e experiente em tudo”.

Para barrar o movimento inimigo Barreto de Menezes, no comando do exército patriota, dispunha de 2.300 homens. Com esta força, após marcha forçada de 20 Km, ocupou defensivamente a área dos Montes Guararapes (área obrigatória de passagem do inimigo) às 2200 h de 18 com o objetivo de barrar o avanço inimigo em direção ao Cabo de Santo Agostinho. A topografia favorecia a defesa.

Barreto de Menezes montou o dispositivo em linha, com o Terço de Felipe Camarão no flanco direito, o de Fernandes Vieira no centro e à esquerda o de Henrique Dias. O Terço de Vidal de Negreiros foi colocado em reserva. Cobrindo a retaguarda uma tropa de cavalaria sob as ordens do Capitão Antonio Silva.

Na manhã de 19, no momento em que as forças da West Indian Company (WIC) se aproximavam do Boqueirão, que é uma passagem estreita entre um alagadiço e um dos montes Guararapes, o Oitizeiro, saiu-lhes ao encontro Dias Cardoso no comando de 60 dos seus 200 homens para atrair o inimigo enquanto o grosso do Exército permanecia oculto na vegetação do alto do morro. Dias Cardoso retraiu. Os holandeses, procurando se desdobrar mesmo em frente estreita, buscaram atacar a tropa de Dias Cardoso, o único inimigo que esperavam encontrar.

A doutrina europeia da época não foi capaz de vencer os luso-brasileiros. No momento em que o adversário progredia entre os alagados e o Boqueirão em via de acesso que não permitia o desdobramento de grandes efetivos, foi atacado à ordem de “Às espadas” pelo grosso do exército patriota.

O terço de Pernambuco, o mais forte, ao comando de Fernandes Vieira e auxiliado por Dias Cardoso, investiu pelo Boqueirão, rompeu a formação inimiga e envolveu pela retaguarda a coluna que tentava progredir pelo terreno alagado.

Com a coluna inimiga encurralada e dividida em duas alas, o terço de Camarão atacou a da direita, e o de Henrique Dias a da esquerda. Na reserva, o terço de Vidal de Negreiros no alto do Boqueirão. Refeito da surpresa, o inimigo empregou a tropa de 1.200 homens que marchava à retaguarda, contra-atacando o terço de Henrique Dias na proporção de 3/1 pelo Morro das Barreiras. Este, tinha o efetivo de 400 combatentes e quase foi derrotado. Henrique Dias deteve, entretanto, o ímpeto inimigo, propiciando que a reserva de Vidal de Negreiros realizasse um potente contra-ataque. Uma outra tentativa, protagonizada pelo regimento do Coronel Van der Branden fracassou.

Após mais de quatro horas de combate, Von Schkoppe, que havia sido gravemente ferido, ordenou a retirada, já à noite. Entre mortos e feridos, os holandeses sofreram mais de 1.038 baixas (515 mortos), contra 480 dos patriotas, sendo 80 mortos. Estes, foram sepultados em local à frente da atual Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres de Guararapes. Gravemente ferido na batalha, morreu em maio o Mestre-de-Campo Antônio Felipe Camarão, o índio Poti.

A vitória foi “resultado da ação vigilante e decidida dos chefes, da bravura e do espírito combativo dos soldados patriotas”. Foi derrotada também a possibilidade da “entrega do Brasil do Rio Real para o norte” para a Holanda, conforme o Padre Antônio Vieira, citado por Pedro Calmon.

Quanto às concepções doutrinárias em confronto a primeira Batalha dos Guararapes foi um notável feito de armas. Desde o choque entre as vanguardas, os luso-brasileiros foram superiores aos holandeses no espírito de luta, na concepção, na direção e na coordenação das tropas. Ao escolher judiciosamente o terreno onde seria a batalha, os luso-brasileiros surpreenderam os holandeses, que esperavam, segundo as estratégias e táticas da Europa, só encontrar resistência nos redutos fortificados dos patriotas.

Quanto ao general “terreno” – Guararapes, os chefes luso-brasileiros escolheram, como campo de batalha, um terreno favorável ao modo de pelejar dos seus soldados, atraindo o inimigo para uma via de acesso estreita, entre os montes e os brejos, onde ele perdeu a vantagem da superioridade numérica e das armas de fogo de que dispunha.



- O II/11º RI desloca-se para a região sul de Campo del Sole, cerrando sobre o II/1º RI face ao triângulo Montese - Cota 888 - Montello.

**13 Abr 45** - Encerramento dos reajustamentos da 1ª DIE. Os efetivos da Divisão prontos para o combate nesta data eram os seguintes: 889 oficiais e 13.950 praças. O dispositivo era composto de dois quartelões e um sub-setor, mais as tropas de apoio de fogo e administrativo. A linha de frente era Capella di Ronchidos-Le Grotti-Albarelli-Melchiorri-Monte Forte-Lama-Campo del Sole-Sassomolare-Monte Nuvoleti (Moraes, 1947, p. 164).

- Nesta data o nº de prisioneiros capturados pela DIE chega a 666.

- A OGO nº 33 estabelece, entre outros objetivos, a conquista da linha Montese-cota 888-Montello a partir de 14. Conforme o DPHCEX-/CEPHiMEX:

A conquista de Montese caracterizou-se como a mais cruenta batalha na qual participou a FEB e onde foi decisiva a atuação dos comandantes de pequenas frações, particularmente comandantes de Pelotão de Fuzileiro e de Grupo de Combate (GC). As tropas em contato na frente do V Ex no setor da 1ª DIE em Março/Abril 1945 eram: inimigas – 232ª DI em Favulo; 114ª DI Ligeira em Montese; 334ª DI em Castel D'Aiano; 94ª DI e 90ª DI Panzer em reserva em Trapola ao norte de Vergato; e as amigas: 371º RI, frente à 232ª DI; 1ª DIE (FEB) frente à 114ª DI Lig; 10ª Div Mth ao Sul de Castel D'Aiano, frente à 334ª DI; e 1º DIBld ao Sul de Vergato. As missões da 1ª DIE e da 10ª Div Mth eram "Atacar para romper o dispositivo inimigo a oeste da Rv 64, na frente da 114ª DI Ligeira alemã na região de Montese, com a 1ª DIE e o 371º RI; fixar e manter as atuais posições na frente da 232ª DI inimiga. Após a conquista de Montese, prosseguir na direção da 10ª Div Mth. A 10ª Div Mth atacar para conquistar a localidade de Castel d'Aiano e prosseguir para a região de Trapola". As possibilidades do inimigo eram de "defender fortemente o triângulo balizado pelas alturas de Montese, Cota 888 e Montello e inter-vir no combate com carros de combate da 90ª DI Panzer". As Forças Aliadas, após terem rompido a Linha Gótica, com a to-mada de Monte Castelo, balizada pela cadeia de montanha dos Apeninos, estabeleceram que o próximo passo seria atingir o vale do Rio Pó (DPHCEX, 2015, p. 17).

**14 Abr 45** - Na preparação para as ações sobre Montese, o I/11º RI ocupa a linha Ponto Cotado 783/N de Monte Forte - Região N de Maserno - Cotas 806 e 808 (1ª Cia); Região de Montaurigula (2ª Cia); I. Tufi - I. Biccocchi (3ª Cia); e a Cia Ptr P 1 com base de fogos na linha Cotas 783 - 928 - 806 - 808 - Montaurigula - Cota 930. Esta Cia ainda manteve dois Pel Mtr .30 e cinco Pç Mtr .50 nas cotas 952 - 928 - I. Gianarelli.

- Com um adiamento de dois dias, inicia a Ofensiva de Primavera pelo IV Corpo de Exército (Operação Craftsman), que visava eliminar a nova linha de defesa alemã (Linha Gengis Khan), substituta da Linha Gótica.

- A 2ª Cia/11º RI ocupa, às 0725 h, com um Pel Fzo, a cota 806, mantém um Pel em Cota 818 - Montaurigula e outro na Cota 826.

- Às 1000 h, a Art concentra tiro de Mrt químico sobre cota 778 e se destaca nos fogos de contra-bateria e contra-morteiros.

- Às 1015 h, o I/11º RI avança um Pel para Possessione.

- O S3 do 11º RI, Ten Cel Jurandir Bizarria Mamede, informa aos batalhões que o IV Corpo exigia que o ataque fosse iniciado até as 1200 h e determina que os Btl cerrassem sobre as patrulhas. A 6ª Cia/II/11º RI atinge a cota 750 na sua progressão para Possessione.

- A partir das 0830 h o apoio aéreo norte-americano deu prioridade ao V Exército e, particularmente, à ZAç do IV CEx.

- Às 0910 h a Art inicia seus fogos, que duraram 30 minutos.

- Às 0935 h a DIE e a 10ª DMth recebem ordem de atacar.

- Posições de Mtr inimigas se revelam em pleno tiro pela ação das patrulhas em Cota 758, Sasso Baldino, Cota 750, Creda, Braine, Montello, cota 866, Cá de Bertolino, cota 755, leste de cota 831 e cota 767. Estas armas dificultaram muito o avanço sobre Montese.

- O III/6º (Btl Silvino) desloca-se de Varia de Soto para Il Monte.

- A partir das 1015 h foram lançados os pelotões para ocupação de posições à frente. O ataque propriamente dito começou às 1330 h por ação do 11º RI mais os II (Sizeno) e III/1º RI (Franklin) e armas de apoio. O 11º RI (Regimento Delmiro) e o Btl Syzeno (II/1º RI) atacaram para conquistar a linha Riva di Biscia-Montese-Cota 888-Montello. Os Btl Aguiar (II/11º RI) e Franklin (III/1º RI) mantiveram suas posições em Monteforte e Monte Nuvoleti.
- A 10ª DMth ataca às 0945 h em sua ZAç mas sofre pesadas baixas.
- A 1ª DB inicia sua ação às 1400 h enfrentando as maiores dificuldades.
- Antes do meio-dia um Pel Fzo da 6ª/II/1º RI conquistou Possessione, uma das posições da Linha Gengis-Khan (linha defensiva alemã).
- Às 1200 h o Cmt do IV Corpo determina à 1ª DIE o imediato ataque a Montese para aliviar a 10ª DMth.
- O I/11º (Btl Maj Lisboa, que substituiu o Maj Jacy) atacou diretamente na direção de Montese. Às 1300 h todos os objetivos haviam sido conquistados (1ª fase). Ficou em poder dos brasileiros a linha Casone-Il Cerro-Possessione-Cota 745.
- Ataque propriamente dito a Montese: foi desencadeado às 1330 h, com preparação de Art. Escalão de Ataque: III e I Btl do 11º RI. Esforço principal: III/11º RI (Btl Cândido), na direção Casone-La Torre-Cota 927, coberto à esquerda pelo Btl Lisboa e à direita pelo Btl Sizeno. Houve ação da Cia de Morteiros Químicos do IV Corpo com cortinas de fumaça. A reação do inimigo se mostra violenta.
- Às 1500 h, o Btl Lisboa (I/11º RI), em verdadeiro combate em localidade, penetra com a sua 2ª Cia, comandada pelo Cap Sidney Álvares, na Vila de Montese com o Pel Fzo comandado pelo 1º Ten Iporan Nunes de Oliveira e com o Pel do Ten Ari Rauen, ficando em 2º escalão o Pel do Ten Malheiros. Houve apoio da nossa Art e fogos de contrabateria inimiga que conseguiram barrar o avanço do Pel do Ten Ari, o qual caiu mortalmente ferido na cabeça à frente de seus comandados. O seu Pel sofreu muitas baixas, principalmente pela ação das minas antipessoal.

Em seguida, o Btl Lisboa completa “a posse integral da localidade”, que era o objetivo nº1 (O1). Enquanto isso, o III Btl lançava-se à conquista de Serretto e alturas de Paravento com as Cias 8ª (Cap João Manuel de Faria Filho) e 9ª (Cap Hugo de Andrade Abreu). A 8ª, no eixo Serretto-Cota 927-Cota 888 e a 9ª na direção geral Paravento. Ambas tiveram enormes dificuldades pela resistência inimiga (Art e Mrt) e pelas minas anti-pessoal. A 8ª ainda ficou encarregada de realizar a limpeza das periferias E e SE de Montese. No prosseguimento, foram eliminadas as resistências inimigas em Cota 759, Ponto 767, Cemitério de Montese, Cota 749 e SE de cota 871. O Pel Amorim, da 4ª/II/11º RI ocupa Creda. Em seguida, o inimigo aumenta o fogo sobre Il Cerdo, cota 751, Creda e cota 773. Em Creda, o Ten Amorim sofre um ferimento e o Ten Mega, também da 4ª Cia, idem, tendo morrido pouco depois. Mega tinha sido promovido a 2º Tenente em 05 Mar.

- Às 1515 h, o 11º RI (III Btl) conquista Serreto e alcança as redondezas de Paravento. Em seguida, prossegue na direção de cota 927, que era o O2. Por volta de 1400 h, o I Btl (Maj Lisboa), prossegue o ataque com os pelotões Iporan e Ari, sendo que este sob o comando do Sgt Auxiliar, face à morte do seu Cmt. O inimigo faz fogo da Torre da Igreja de Montese, das encostas sul da localidade, região leste de Fábrica e Três Casas. Elm da 2ª Cia ficam detidos nas encostas sul de Montese. Não se dispõem de informações sobre o pelotão do Ten Malheiros. Os CC norte-americanos alcançam Montebuffone. Conforme a DPHCEX:

Nesta mesma ocasião, 15:30 h, a 6ª Companhia determinava ao Pelotão Apollo que atacasse 758 e procurasse soldar-se a Possessione onde se encontrava o Pelotão Rosa. A despeito dos seus esforços, não pode ir além de 744, obstado por campos de minas e intensos bombardeios de artilharia e morteiros que procuravam detê-lo. Encerrada a jornada, os batalhões receberam ordens para manter as posições conquistadas, em condições de retomarem as operações, na manhã seguinte. Embora muito exausto, o III/11º RI procurou reajustar-se, passando a 7ª Companhia, a quem estava reservado papel de destaque no prosseguimento do ataque, a ocupar posições entre as duas outras. Por trás dele, articulou-se o III/6º RI, indo a 7ª Companhia reunir-se em Il Cerro e a 9ª Companhia em Creda, permanecendo a 8ª Companhia ao norte de Montese e a Companhia de Petrechos Pesados em 855. Simultaneamente, o S3 (oficial de operações) do 11º RI estabeleceu ligações com o II/1º RI, acertando pormenores a respeito do ataque a 778, que

deveria efetuar-se logo após cerrada prepa-ração de fogos, quando, então, o III/11º RI também partiria para os seus objetivos. Nesta situação, os batalhões continuaram a sofrer baixas, pois os morteiros e a artilharia do inimigo não cessaram de atirar durante a noite (DPHCEX, 2015, p. 20).

- Às 1800 h, o Btl Cândido concluíu o assalto às posições inimigas na região de Ponto Cotado 831, a Nornordeste de Montese e Creda. As operações de limpeza continuam.

- Na Itália, os Aliados contavam com a ajuda de 50 mil “partigiani” que criaram as maiores dificuldades para os alemães.

**14/15 Abr 45** - O Btl Silvino (III/6º RI) é deslocado para a região de Il Cerro-Serreto-Creda.

**15 Abr** - Continuação dos combates na região de Montese. Conforme a DPHCEX (2015, p. 21) as operações reiniciaram às 0945 h:

O combate reiniciou-se na manhã de 15 de abril. Às 9:45 h, o III/11º RI, ainda mal refeito da jornada anterior, partiu em demanda dos seus objetivos, depois de curta preparação de artilharia. A sua missão era a mesma, isto é, a posse das alturas de 927 e 888-Montello. A 7ª Companhia atacou pela direita da crista de 927, enquanto a 8ª Companhia avançou a cavaleiro da própria crista, permanecendo a 9ª Companhia, como reserva, em Paravento. Apoiada por alguns carros de combate, a 7ª Companhia rapidamente galgou as encostas leste de 927, não obstante cerrado fogo do inimigo que lhe infligiu pesadas baixas, inclusive a perda de um dos seus pelotões. Mais adiante, porém, era detida, em situação muito precária, por fogos de armas automáticas partidos de 927, Cá di Berretta e garupa de Canello, além dos fogos dos morteiros e da artilharia que continuavam a cair na região. A 8ª Companhia conseguiu também projetar-se para frente, tendo, em dado momento, causado verdadeira sensação a quantos ouviram a sua mensagem informando que havia atingido 888. Na verdade, porém, ficou apurado, logo depois, não tinha ido além de 824, onde se encontrava igualmente detida por fogos oriundos de 927 e Montebuffone. Involuntariamente, provocara ela a suspensão dos fogos da artilharia que as apoiava, deixando-as em apuros por alguns momentos. A 7ª Companhia, em ponta, desarticulada e sem ligação com a esquerda, foi a que mais sofreu as consequências deste imprevisto. Vendo-a nesta situação quase insustentável, o Comandante do batalhão, rapidamente, impulsionou um pelotão da 9ª Companhia para cobrir-lhe o flanco esquerdo o qual, infelizmente, não chegou a atingir o objetivo, indo juntar-se, equivocadamente, à 8ª Companhia.

- Conquista da posição de Paravento pelo III/6º RI (Btl Silvino) e avanço em direção a Montello e Cota 888.

- Em Serretto, morre o 2º Tenente Francisco Mega, do II/1º RI, ferido em ação à frente de seu Pel Fzo. Conforme o Ten Cel Raul Mattos A. Simões no Prefácio de seu livro “A presença do Brasil na 2ª Guerra Mundial”:

“não é recomendável mandar-se um aspirante à guerra. Se por um lado tem a afoiteza e a impetuosidade dos jovens faltam-lhe, por outro, a experiência e o bom senso dos mais maduros”.

- O Regimento Delmiro (11º RI) continua o ataque procurando conquistar a linha Cota 888-Montello. Às 1145 h, Montebuffone e Cota 788 foram conquistados. Às 1245 h, os CC destruíram o casario de Montello.

- Às 1530 h o Cmt da DIE incumbido o Cmt do 6º RI (Reserva) de controlar o combate na área de Serretto-Montebuffone-Cota 927. O Cel Nelson de Mello determina ao Btl Silvino (III/6º RI) cerrar e ultrapassar o Btl Cândido (III/11º RI). À noite, o III/11º RI foi substituído pelo 6º RI (exceto o Btl Silvino).

- A jornada termina sem posições definitivas. O III/11º RI (Cândido) retrai para Campo del Sole.

- A OGO nº 34 determina ao 11º RI e ao II/1º RI o prosseguimento da ação sobre Paravento e Serreto.

- Uma esquadrilha da FAB ataca posições inimigas no Monte Solo, liberando o avanço da ofensiva aliada no Vale do Pó, tendo sido elogiada pelo Major-General Geoffrey Keyes, Cmt do II Corpo Ex NA.

Conforme o Tenente-Brigadeiro do Ar Rui Barbosa Moreira Lima, a expressão “Senta a Púa” do emblema do 1º Grupo de Caça da FEB foi originada no dito popular nordestino “Senta a Púa, Zé Maria”, usado para diversas ocasiões.

- O Cmt do Pelotão de Sepultamento relata em documento uma grande dificuldade em resgatar os combatentes mortos em face das arma-dilhas (Booby traps) ligadas aos corpos.

**16 Abr 45** - O 6º RI (exceto o I Btl) toma posição em Serretto para lançar-se contra Montello-Cota 927-Cota 888-Montebuffone, cujo ataque visava “facilitar a ação da 10ª DMth”.

- Para o ataque, o Cmt do III/6º RI dispôs a 8ª Cia em cota 824 e orla N de Montese, a 7ª nas encostas N de Serretto e a 9ª na encosta NE da mesma elevação. Este Btl havia sofrido 94 baixas na jornada anterior, inclusive um capitão, dois tenentes e 13 Sgt. O Btl não conseguiu desembocar na LP por força da Art e Mrt inimigos. Nova tentativa às 1100 h também é frustrada. Entretanto lança patrulhas sobre a Cota 927. O Cmt 6º RI decide ultrapassar o III Bt pelo II Btl (Maj Oest). O III Btl foi substituído, à noite, pelo II/6º e conduzido à retaguarda (Varia di Sotto) para repouso e reacompanhamento. Enquanto isso, a Art/1ª DIE concentra fogos em Montese.

- As 1200 h o II/6º RI (Btl Oest) progride na direção de Il Cerro-Montese através da infiltração homem a homem face ao ininterrupto bombardeio inimigo, concluindo o movimento à noite.

- A 10ª DMth (à direita da DIE) conquista o vilarejo de Tole.

- A OGO nº 35 renova a ordem de ataque ao 6º RI para a conquista das cotas 927 e 888 e Montello. Mensagem urgente do Cap Sidney, às 1446 h, dá conta de que o pelotão do Ten Iporan Nunes de Oliveira havia entrado em Montese por sudeste e dominado a guarnição inimiga localizada na igreja. Iporan foi imediatamente reforçado por um outro pelotão. Às 1750 h estava consolidada a posse de Montese. Já à noite, a 4ª Cia/II/6º RI ocupa a cidade.

- O Cel Delmiro Pereira de Andrade em seu livro “O 11º RI na II Guerra Mundial (BIBLIEx, 1950) assim relata esta fase do combate:

“A 2ª Companhia está sendo bastante hostilizada nas encostas Sul de Montese. O Pelotão mais avançado tem várias baixas, inclusive seu Tenente; o S/3 do RI informa ao Comandante do I Batalhão que uma concentração de dois Grupos de Artilharia ia ser desencadeada sobre as resistências de Montese. Uma mensagem urgente, às 14h, do Capitão Sidney, Comandante da 2ª Companhia, informa que o Tenente Iporan entrara em Montese sob terrível bombardeio e que suspendesse, imediatamente, a concentração que havia começado momentos antes. Um mensageiro enviado pelo Tenente Iporan informava ao Comandante de Companhia a sua verdadeira situação, isto é, que havia atingido o seu 1º objetivo: Montese”.

- Conforme Antonio Walter Santim “Montese virou terra arrasada. O estrago foi tanto que os italianos a chamavam de ‘Monte Cassino do Norte’”.

**17 Abr** - A OOp nº 16 do IV Corpo, cumprindo ordens do V Ex, determina à 1ª DIE manter as atuais posições, reconhecer o inimigo e ficar em condições de (ECD) realizar as operações de Perseguição.

- O Cmt da 1ª DIE aproveita para realizar substituições das suas tropas e reajustar o nosso dispositivo, mas continuam as ações de patrulhas. O I/1º RI é deslocado para a região de Villa d’Aiano-Bocca dei Ravari. O I/6º (Gross) é deslocado para Bocca dei Ravari-Monte Pigna.

- Nesta fase, a 10ª DMth rompe a linha alemã na região de Tole e na brecha penetra a 1ª DB/NA até a retaguarda alemã. Nestas condições, para evitar um envolvimento, “os alemães não tinham outra alternativa senão a de retrair” (Moraes, 1969, p. 292).

**18 Abr 45** - O Cmt da 1ª DIE aproveita para fazer os reajustamentos ne-cessários no dispositivo brasileiro com substituições dos batalhões. O II/6º substitui Elm da 10ª DMth na região de Le Coste-Tole. Con-tinuam as ações de limpeza da área de Montese.

- Baixas brasileiras em Montese de 14 Abr até esta data: 34 mortos e 386 feridos, com o total de 426 baixas. Foram feitos 453 PG. O PC do 1º RI fica instalado em Canolle.

- Conforme o Gen Mascarenhas

“Finalizara com extrema simplicidade o episódio mais sangrento vivido por nossas forças em território italiano. Foram quatro jornadas severas, vividas sob os mais pesados bombardeios que tropas brasileiras experimentaram durante toda a Campanha em território italiano. Conseguiram as armas patrícias vergar a resistência do inimigo e desmantelar, de forma definitiva, o renitente bastião de Montese”. E ainda, o Gen Mascarenhas:

“Na jornada de ontem, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho de seu feito e seu espírito ofensivo, a divisão brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade”.

- A partir das 1100 h os norteamericanos se lançam na direção de Monteveglio, oportunidade em que obtiveram considerável sucesso.

- Patrulhas de reconhecimento dão conta da presença alemã em toda a frente, ainda.

**19 Abr** - Diminui o fogo inimigo na área da 1ª DIE. Confirmado o retraimento dos alemães em toda a frente, exceto algumas resistências enfrentadas pelo Btl Gross (I/6º RI).

- O 1º RI (Btl Sizeno) vence as resistências e ocupa as posições de Cota 758, Canelo e Bortolino (Carvalho, 1952, p. 143).

- O Esqd Rec (Cap Plínio Pitaluga) é lançado na direção do rio Panaro através de Montese-Ranocchio para retomar o contato com o inimigo. À noite, ocupa a linha Ranocchio - Monte Maiolo - Bertochi, lançando operações de reconhecimento até a margem do Panaro.

- Ao final da jornada elementos avançados da 1ª DIE mantinham a linha Riva di Biscia-San Martino-Ranocchio-Monte Maiolo-La Trappola-Monte Tortore-Tole.

- A 1ª DB/NA alcança a região de Monte Acuto-Monte Albanello-Pavoloni.

- A 1ª DIE recebe do IV Corpo a missão de

“limpar a margem oriental do Panaro e capturar os elementos esparsos do inimigo na direção geral de Zocca-Monte Orsello”.

- Com a constatação de que os alemães se haviam retirado das suas posições na noite de 18/19 de abril, inicia a fase do Aproveitamento do Êxito (até 22 Abr) pelas tropas do IV Corpo, incluindo a 1ª DIE.

Fonte:

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. O Dia a Dia da FEB na 2ª Guerra Mundial. Porto Alegre: Renascença, 2020 (p. 153/167).

---

## Ministério da Defesa

### **Batalha de Montese: 70 (79) anos da histórica atuação brasileira em um dos mais sangrentos combates da II Guerra**

(Publicado em 14/04/2015 e atualizado em 05/11/2022)

**H**á 70 (79) anos, durante a II Guerra Mundial, o Brasil deu um importante passo que marcaria para sempre a história de suas Forças Armadas. No dia 14 de abril de 1945, teve início um dos mais árduos combates travados pelos brasileiros contra os nazistas na Itália: a Batalha de Montese, na qual a atuação de tropas brasileiras foi considerada essencial para retomada da Itália e posterior vitória dos aliados contra as tropas alemãs.



Depois de entrar oficialmente na Guerra, graças aos ataques de submarinos alemães a navios brasileiros, o Brasil passou a preparar seus militares para o combate. O adiestramento da Força Expedicionária Brasileira (FEB) ocorreu inicialmente na Vila Militar, no Rio de Janeiro, e seguiu com a chegada do 1º Escalão à Itália, em 16 de julho de 1944.

Além do terreno complicado e do clima extremamente frio, os soldados brasileiros tiveram que se adaptar ainda a novos armamentos, equipamentos e uniformes, bem diferentes dos que estavam acostumados a manusear no Brasil. Após uma intensiva preparação em território europeu, os chamados pracinhas já estavam aclimatados e adaptados ao ambiente operacional.

As tropas aliadas avançavam, desde o início do ano de 1945, contra os inimigos na Itália, mas, para conquistar o norte, era preciso dominar a região estratégica de Montese. “A posse de Montese era decisiva para a vitória final, pois, determinaria a evolução do cenário e o prosseguimento da Guerra na Itália”, explica o general Gerson Menandro, chefe de Assuntos Estratégicos do Ministério da Defesa (MD) e especialista no tema.

Segundo o general, para retomar a região, a missão dos brasileiros foi dividida em duas fases: uma com o lançamento de fortes patrulhas destinadas a capturar a primeira linha de alturas de posse do inimigo, e outra de ataque, precedida de intensa preparação de artilharia, apoio de blindados e cortina de fumaça.

De acordo com o general da reserva do Exército, Luiz Eduardo Rocha Paiva, a Vila de Montese foi a parte mais significativa da ação brasileira. “O ataque começou às 9h35, do dia 14 de abril de 1945, feito pelo 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei, e se prolongou até as 15 horas. Para ele, a conquista de Montese é significativa porque rompeu as linhas inimigas “Gótica” e “Gengis Khan”, permitindo que os aliados cercassem 148ª Divisão e aprisionando cerca de 21 mil homens.

Apesar da vitória, a Batalha de Montese foi uma das mais sangrentas da história das Forças Armadas, com mais de quatrocentas baixas (mortos e feridos). A topografia favorecia o defensor alemão, que ocupava posição dominante no terreno. Outro fator relevante foi a forte resistência alemã, por causa da importância estratégica da área. Eles reagiram minando campos, e por contra-ataques com blindados, bombardeios e morteiros. “O Brasil lutou contra a maior máquina de guerra que era o Exército alemão”, explica o professor Thiago Tremonte de Lemos, que ministra História Contemporânea na Universidade de Brasília.



### A repercussão da vitória

O professor - cuja especialidade é a instrução militar do Exército Brasileiro - destaca como a derrota alemã em solo italiano foi importante. “Ao final da guerra, o Brasil adquire um novo conhecimento em doutrina militar e isso foi fundamental para as nossas Forças Armadas”.



A vitória em Montese, e a consequente retomada da região do rio Panaro, foi fundamental para que os aliados conseguissem vencer a Guerra. Por isso, a atuação dos pracinhas brasileiros foi enaltecida pelos comandantes aliados.

O general Crittenberger, comandante do IV Corpo-de-Exército Norte-Americano, entusiasmado com a atuação brasileira, chegou a declarar:

“na jornada de ontem, 14 de abril, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho do seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão Brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade.”

Após a atuação na II Guerra, com destaque para a violenta Batalha de Montese, o Brasil passou a ter outra visão com relação ao preparo de suas tropas. “As Forças Armadas tiveram como ensinamento que devemos manter nossas Forças Armadas fortes, bem preparadas e equipadas, atentas aos avanços tecnológicos do mundo na área de Defesa”, afirma o general Menandro.

Assessoria de Comunicação  
Ministério da Defesa  
61 3312-4071



# João Cândido opõe comandante da Marinha a PT

Almirante pede para líder da Revolta da Chibata não entrar no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria e afirma que não vê 'aderência' da atuação de marinheiro que lutou contra castigos físicos com 'heroísmo e patriotismo'

LUIS FELIPE AZEVEDO  
luis.azevedo@globo.com.br

O comandante da Marinha, almirante Marcos Sampaio Olsen, enviou uma carta à presidência da Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados pedindo que o nome de João Cândido Felisberto, líder da Revolta da Chibata, não seja inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. A homenagem já foi aprovada no Senado e agora é debatida na Câmara. O projeto de lei é de autoria do deputado federal Lindbergh Farias (PT-RJ), com relatoria de Benedita da Silva (PT-RJ).

No ofício, assinado na segunda-feira e encaminhado ao deputado federal Aliel Machado (PV-PR), Olsen afirma que incluir Cândido ou "qualquer outro participante daquela deplorável página da história nacional" seria transmitir, especialmente para os mili-

#### Reabilitado.

João Cândido inspirou música, estátua e desfile



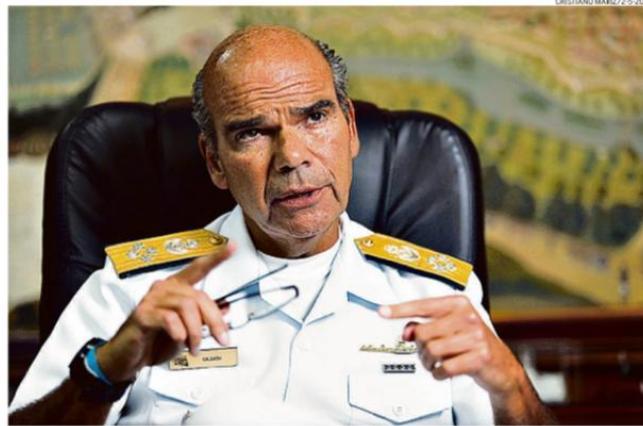
tares, a mensagem de que é lícito "recorrer às armas que lhes foram confiadas para reivindicar suposto direito individual ou de classe".

#### 'HEROÍSMO INFUNDADO'

Na carta enviada a Aliel, Olsen reconhece que os castigos físicos nos navios que causaram a rebelião eram uma "prática inaceitável e absolutamente incompatível com os caros preceitos morais observados pela sociedade contemporânea", e foram depois reconhecidos como "equivocados e indignos", com anistia para os participantes da revolta. Mas, para o comandante da Marinha, "resta notável diferença entre reconhecer um erro e enaltecer um heroísmo infundado".

Aliel disse que "vai conversar" com Benedita e o deputado bolsonarista Cabo Gilberto (PL-PB), que leu o ofício do almirante na sessão de ontem, para ver se os parlamentares chegam a um entendimento sobre a questão.

Ao pedir que os deputados rejeitem a inclusão, Olsen afirmou que a Marinha "não vislumbra aderência da atuação de Cândido na Revolta dos Marinheiros com os valores



'Heroísmo infundado'. Para Olsen, homenagem seria apoiar que militares recorram a armas por 'supostos direitos'

#### A revolta do 'almirante negro'

João Cândido nasceu em 1880 e entrou na Marinha aos 14 anos. Em 1909, foi treinado no Reino Unido para manejar dois navios adquiridos pelo Brasil. A modernização da Marinha alimentou a frustração dos marinheiros negros, mal alimentados, mal pagos e alvos de punições físicas. Em 1910, depois de um tripulante do navio de Cândido receber 250 chicotadas, mais de 2

mil marinheiros negros capturaram quatro navios e apontaram 80 canhões para o Rio. Após quatro dias, o governo aboliu as punições com chicotadas e prometeu anistia aos rebeldes. Mas a Marinha prendeu os revoltosos com o fim da rebelião. Cândido e outras 30 pessoas ficaram em uma cela em condições tão duras que apenas ele e outro prisioneiro sobreviveram.

de heroísmo e patriotismo". Segundo o documento, a posição do líder no conflito representa um "flagrante que qualifica reprovável exemplo de conduta para o povo brasileiro".

"Nos dias atuais, enaltecer passagens afamadas pela subversão, ruptura de preceitos constitucionais organizadores e basilares das Forças Armadas e pelo descomedido emprego da violência de militares contra a vida de civis brasileiros é exaltar atributos morais e profissionais, que nada contribuirá ao pleno estabeleci-

mento e manutenção do verdadeiro Estado Democrático de Direito", criticou o comandante.

Expulso da Marinha e morto em 1969, Cândido foi homenageado em 1974 com a música "Mestre-Sala dos mares", de João Bosco e Aldir Blanc. Em 2008, teve anistia póstuma concedida pelo governo, e uma estátua foi erguida em sua homenagem no Praça Marechal Âncora, no Centro do Rio. O "almirante negro", título com que foi tratado pela imprensa na época do levante, foi retratado no desfile deste ano da escola de samba Paraíso do Tuiuti por Max Ângelo dos Santos, o entregador agredido a chicotadas em São Conrado, na Zona Sul do Rio.

Em novembro, o Ministério Público Federal pediu à Marinha uma indenização para a família. No mês passado, o MPF reforçou o pedido de anistia e reparação em parecer enviado ao Ministério de Direitos Humanos e da Cidadania detalhando a perseguição sofrida pelo líder da Revolta da Chibata e ataques à sua memória. O documento encaminhou um requerimento formulado pelo filho do militar, Adalberto Nascimento Cândido, à Comissão de Anistia da pasta.

## Nota do Editor

É muito controversa a história do Cabo da Marinha de Guerra do Brasil João Cândido Felisberto. Abaixo, somente um pequeno resumo.

Em novembro de 1910 um marinheiro do navio Minas Gerais tentou matar à traição um colega seu, um companheiro.

O Comandante João Batista das Neves mandou aplicar-lhe o castigo de cinquenta chibatadas. Revoltados, um grupo de marinheiros se utilizou do timoneiro João Cândido como líder de um motim contra os castigos corporais.

Os oficiais foram tomados de surpresa, e os amotinados tomaram conta da belonave. Dirigiram os marinheiros sua agressividade contra Batista das Neves.

O oficial de serviço Tenente Álvaro Alberto da Mota e Silva reagiu de espada em punho, matou um dos marinheiros mas foi ferido três vezes à baioneta.

Embarcado em uma lancha Álvaro Alberto dirigiu-se ao navio São Paulo e deu o alarme.

Enquanto isso os amotinados tomaram o paiol e mataram o Comandante Batista das Neves. Outros oficiais também foram assassinados. Seguiram-se os desdobramentos, a pesquisar.

**Libertas Quae Sera Tamen**



## Manifesto da Maçonaria Mineira - Tiradentes - 21 de abril

**Reconhecimento Maçônico ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier - (Tiradentes)  
Homenagem Póstuma ao Patrono Cívico da Nação Brasileira.**

Os Grão-Mestres do Grande Oriente de Minas Gerais, do GOBMINAS – Federado ao Grande Oriente do Brasil e da Grande Loja Maçônica de Minas Gerais, no uso das suas atribuições, declaram reconhecer o Alferes Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes, como de fato o reconhecem por suas ações, atos e atitudes como Maçom:

Considerando que o Alferes Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes – que inspirado nas teorias Iluministas tornou-se um ativista de modelos Libertários, difundido em sua célebre frase – **“Se Todos Quisermos Poderemos Fazer Deste País Uma Grande Nação”** – constituindo em um juramento por um país liberto do colonialismo;

Considerando sua honradez, disciplina, patriotismo, bem como o seu compromisso com a liberdade, onde manteve-se resoluta até o seu último suspiro, deixando um legado de luta e vitória para todos nós;

Considerando que o Alferes Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes – é reconhecido no meio Maçônico, como modelo de caráter e virtude a ser seguido pelos jovens brasileiros;

Considerando que Alferes Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes – em seus 45 anos de vida, foi um homem livre, de bons costumes e de reputação ilibada, pautados no dinamismo da difusão dos postulados maçônicos em especial aos conceitos de nação, pátria, liberdade e soberania nacional;

Considerando ainda as justificativas apensas neste Decreto, que narram a trajetória da vida de Joaquim José da Silva Xavier, que desde a sua infância até o derradeiro e cruel desfecho ocorrido na data de 21 de abril de 1792, onde este dedicou exclusivamente aos sagrados princípios preconizados pela Maçonaria de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

### Ato de Reconhecimento:

Os Grão-Mestres Vanderlei Geraldo de Assis, representando o Grande Oriente de Minas Gerais; Jorge Luiz de Paula Ribeiro, representando o GOBMINAS – Federado ao Grande Oriente do Brasil; e Sérgio Quirino Guimarães, representando a Grande Loja Maçônica de Minas Gerais, DECLARAM neste Ato:

**Art. 1º Reconhecer o Alferes Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes – Patrono Cívico de nossa Nação, como membro Honorário da Maçonaria Mineira, cuja Loja é a Sociedade Mineira e Brasileira.**

Art. 2º Rechaçam também a nefasta expressão **“Inconfidência Mineira”**, utilizada pelos seus algozes, para se referir geograficamente a um Movimento Patriótico, que buscou em sua essência a Independência e a Soberania da Nação Brasileira.

Art. 3º Rendam-se ao homenageado as honrarias que este Reconhecimento significa.

Art. 4º Este Manifesto passa a produzir os seus efeitos a partir do seu conhecimento pelas Potências, Obediência, pelas Lojas jurisdicionadas e por todos os Maçons espalhados no seio da Maçonaria Mineira, Independentemente de publicação nos respectivos Boletins Oficiais.

Dado, traçado e selado nos Gabinetes dos Grão-Mestres, Oriente de Belo Horizonte (MG), aos vinte e um dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e quatro da E.: V.:., e 232º ano da morte do Alferes Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes.

  
**Sérgio Quirino Guimarães**  
Grão-Mestre da GLMMG  


  
**Vanderlei Geraldo de Assis**  
Grão-Mestre da GOMG  


  
**Jorge Luiz de Paula Ribeiro**  
Grão-Mestre do GOBMINAS  


1/1

\*\*\*\*\*

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS  
[lecaminha@gmail.com](mailto:lecaminha@gmail.com)

Sites: [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e [www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)

Site do NEE/CMS: [www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br)

Site do Núcleo Militar de Gramado: [www.nuclev.com](http://www.nuclev.com)

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historiapatriota.blogspot.com>